

RESUMO EXPANDIDO

**A INTERSECCIONALIDADE NO AFROEMPODERAMENTO DE MULHERES
NEGRAS EM QUILOMBOS AMAZÔNICOS DO MUNICÍPIO DE ACARÁ***Crystiane Amaral Coutinho**Mestranda da Universidade Federal do Pará (UFPA)*krys.coutinho@gmail.com*Marinalva Cardoso Maciel**Doutora da Universidade Federal do Pará (UFPA)*marinalvamaciell@gmail.com**Palavras-chave:** afroempoderamento; interseccionalidade; quilombo.

Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS): alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas. Garantindo a participação plena e efetiva das mulheres e a igualdade de oportunidades para a liderança em todos os níveis de tomada de decisão na vida política, econômica e pública

1 CONTEXTUALIZAÇÃO E PROBLEMA DE PESQUISA

A invisibilidade imposta às mulheres negras nos quilombos amazônicos é uma das consequências da escravidão, que afetou tanto mulheres quanto homens negros oriundos da África. Essa invisibilidade é acentuada em diversos contextos, onde a presença das mulheres negras é silenciada por fatores externos e internos, como o patriarcado, o machismo, a desigualdade de gênero, raça e classe, além do racismo estrutural e institucional. Esses fatores geram inseguranças e impõem barreiras às mulheres negras quilombolas.

A trajetória de luta das mulheres negras, conforme destacado por Amoras et al. (2021), vem ganhando visibilidade em suas reivindicações, assim como ocorreu no passado nas Américas. O saber ancestral dessas mulheres é fundamental para a construção de estratégias de resistência e organização institucional.

É importante reconhecer que a resistência negra se adapta e se renova de acordo com as realidades impostas. Compreender os desafios enfrentados pelo feminismo negro nos quilombos amazônicos permite delinear um panorama adequado para a promoção de melhorias em políticas públicas inclusivas.

Este estudo tem como objetivo investigar como se dá o afroempoderamento das mulheres negras no quilombo da Associação de Moradores e Agricultores Remanescentes de Quilombolas do Alto Acará (AMARQUALTA), localizada no município de Acará, no estado do Pará.

2 OBJETIVO(S):

O afroempoderamento de mulheres negras busca promover a igualdade de direitos, bem como o reconhecimento e a valorização das contribuições dessas mulheres. Nos quilombos amazônicos, o processo se manifesta também por meio do pertencimento territorial; letramento afro; interseccionalidade/ feminismo negro, entre outros aspectos importantes abrangendo as esferas: econômica, social, política e cultural.

O objetivo geral deste estudo é investigar como a interseccionalidade interage com o afroempoderamento das mulheres quilombolas em posições de liderança. Definindo os objetivos específicos: identificar as barreiras enfrentadas por mulheres líderes; analisar as características das líderes femininas; e avaliar o impacto da liderança feminina na performance organizacional.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

A interseccionalidade, conforme discutida por Patrícia Collins (2020), está profundamente relacionada ao feminismo negro de Lélia Gonzalez (2020), ambos enfatizando a complexidade das experiências humanas e as interações entre diferentes formas de opressão. Essas abordagens analisam as dinâmicas de poder na sociedade, levando em consideração categorias como raça, classe e gênero. Ribeiro (2018) argumenta que o feminismo negro deve ser percebido como uma luta por projetos democráticos e justiça social, e não apenas como uma questão indenitária. Contudo, como observa Ribeiro (2017), a realidade das mulheres negras quilombolas pode dificultar a discussão de suas especificidades.

O feminismo negro no Brasil, conforme destacado por Lélia Gonzalez desde 1975, evidencia as dificuldades enfrentadas pelas mulheres negras quilombolas em relação ao

acesso a políticas públicas e ações afirmativas. A revisão da literatura revela que essas mulheres ainda lutam por reconhecimento e por seus direitos. Gonzalez (2020) ressalta que as quilombolas enfrentam desigualdades tanto no mercado de trabalho quanto na vida familiar.

Segundo Amoras et.al (2021) (2021) e Gonzales (2020), mencionando que a resistência dessas mulheres não apenas preserva a identidade cultural brasileira, mas também fortalece a liderança feminina negra nos movimentos sociais, conectando-se às tradições quilombolas. No contexto do quilombo da AMARQUALTA, as mulheres têm vivenciado experiências de liderança comunitária. No entanto, foi somente em 2015, após seis anos da fundação da Associação, que começaram a reivindicar espaços exclusivos para suas demandas. Como resultado, foi criada a Coordenação de Mulheres Quilombolas na Associação, um passo significativo para romper com a invisibilidade e garantir visibilidade às suas lutas.

4 METODOLOGIA

A pesquisa é fundamentada nos constructos teóricos da Pesquisa-Ação Participante (APA), com o objetivo de estabelecer um diálogo aprofundado entre pesquisadoras/es e interlocutoras/es. Essa abordagem busca compreender de maneira abrangente as visões e práticas relacionadas ao cotidiano das mulheres quilombolas.

A investigação adota uma perspectiva crítica para analisar o protagonismo das mulheres negras quilombolas na Amazônia, utilizando a teoria da interseccionalidade como ferramenta metodológica. Essa abordagem foca nas interseções das opressões enfrentadas por mulheres negras, mestiças, indígenas e periféricas do "terceiro mundo", considerando gênero, raça e território como categorias que interagem e se sobrepõem, gerando desigualdades.

As principais ferramentas utilizadas na pesquisa incluem entrevistas narrativas. O *lôcus* da pesquisa é a Associação de Moradores e Agricultores Remanescentes Quilombolas do Alto do Acará-AMARQUALTA, localizada na região do Alto do Acará, Zona Rural do município de Acará, região do nordeste do estado do Pará.

Os critérios de inclusão e exclusão da pesquisa são: mulheres negras, nativas da região ou com mais de 10 anos de vivência na área, além de lideranças, com ou sem cargos formais.

5 RESULTADOS PRELIMINARES OU ESPERADOS:

A pesquisa, realizada com 14 mulheres negras quilombolas, entre maio e julho de 2024, explorou desafios e oportunidades enfrentadas por esse grupo. A Tabela 01 apresenta desafios e oportunidades onde se observa que a maioria é casada ou em união estável, possui filhos, algumas possuem até netos e com escolaridade variada.

Tabela 01 – Perfil Preliminar das Participantes

Estado civil	Frequência
Casada	07
União estável	03
Solteira	01
Viúva	03
Filhos	
Sim	13
Não	01
Netos	
Sim	09
Não	05
Escolaridade	
Superior completo	02
Médio completo	06
Fundamental incompleto	03
Não alfabetizada	03

Fonte: Autoras. Jun/2024

As principais dificuldades incluem preconceito e racismo, com 90% das participantes relatando experiências de discriminação, além do machismo em contextos sociais e familiares. A falta de representatividade feminina negra foi destacada por 95% das entrevistadas, refletindo a necessidade de mais liderança feminina, que é visto como predominantemente masculino. A sobrecarga de responsabilidades, equilibrando trabalho, cuidados e atividades comunitárias, também foi uma preocupação compartilhada por 95% das participantes.

Quanto às oportunidades, 95% das mulheres ressaltaram a importância de redes de apoio, enquanto a valorização crescente das questões de diversidade e inclusão oferece

perspectivas de avanço, embora 85% afirmem que tais iniciativas ainda não garantem oportunidades equitativas para mulheres negras. Embora reconheçam o impacto positivo da liderança feminina na cultura organizacional, promovendo diversidade e inclusão, 95% das participantes não se reconhecem como líderes.

6 CONSIDERAÇÕES SOBRE CONTRIBUIÇÕES E IMPACTOS

O afroempoderamento de mulheres negras quilombolas pode ser analisado sob a perspectiva da interseccionalidade, considerando raça, gênero e classe. Essas mulheres enfrentam desafios como estereótipos negativos que dificultam seu acesso ao lugar de fala. Redes de apoio são fundamentais para seu sucesso e sua presença enriquece a cultura organizacional, promovendo diversidade e inovação.

Uma cultura inclusiva valoriza diferentes perspectivas, enquanto estudos sobre suas experiências revelam questões de racismo e desigualdade de gênero, estimulando discussões e gerando impactos sociais positivos. A visibilidade de líderes bem-sucedidas inspira outras mulheres negras a buscarem seus objetivos, criando um ciclo de afroempoderamento efetivo e transformador.

REFERÊNCIAS

- Tanguy, L. (1997). Competências e integração social na empresa. In F. Ropé & L. Tanguy (Orgs.). Saberes e competências: o uso de tais noções na escola e na empresa. Campinas, SP: Papyrus.
- Amoras, M.; COSTA, S. M. G.; ARAÚJO, L. M. O Ativismo das Mulheres Negras Escravizadas no Brasil Colonial e Pós-Colonial, no Contexto da América Latina. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais. Dossiê Território, Gênero e Interseccionalidades. v. 23, e202128, 2021. DOI: 10.22296/2317-1529.rbeur.202128
- Collins, Patrícia Hill; BILGE, Sirma. Interseccionalidade; Tradução: Rane Souza. – 1.ed, - São Paulo; Boitempo, 2020.
- Gonzalez, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano; ensaios, intervenções e diálogos. Org. Flavia Rios, Marcia Lima. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

Hooks, Bell. E eu não sou uma mulher?; mulheres negras e femininas. Tradução: bhuvi Libanio. – 12ª ed. – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2023.

Pimentel, S. M. V., & Silva, D. J. De S. (2022). Resistência e Liderança da Mulher Negra: Um Estudo na Comunidade Quilombola São José de Icatú em Mocajuba-Pa. *Nova Revista Amazônica*, v. 10 n.1 p.161. ano 2022.

Ribeiro, Djamila. O que é lugar de fala? – Belo Horizonte (MG); Letramento: Justificando, 2017.

Ribeiro, Djamila. Quem tem medo do feminismo negro – 1ª ed. – São Paulo; Companhia das Letras, 2018.

Teixeira, Elizabeth. As Três Metodologias: Acadêmica, da Ciência e da Pesquisa. 4. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

Vergara, Sylvia Constant. Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração – 5. Ed. – São Paulo: Atlas, 2004